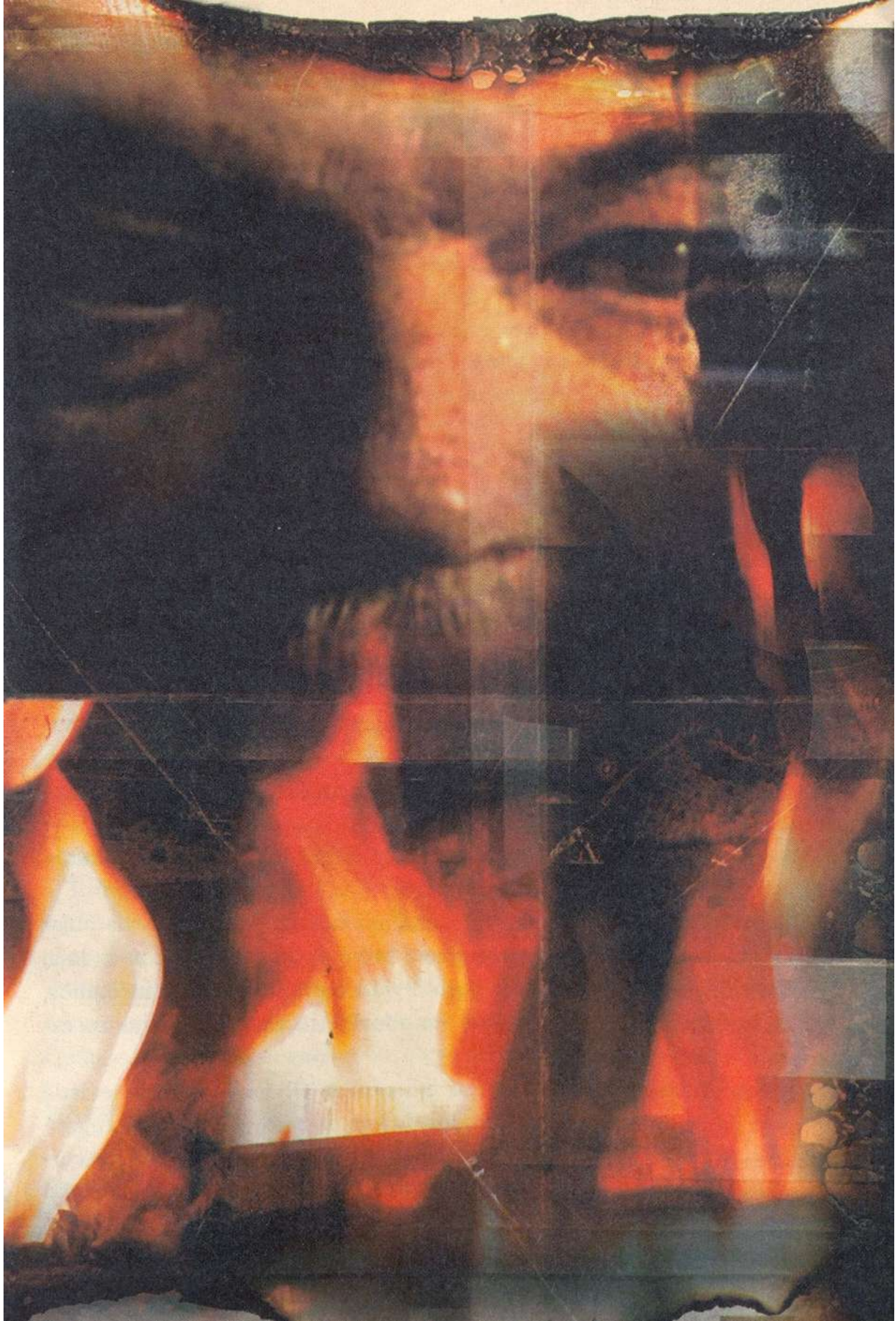


Incêndio!

Uma série de incêndios suspeitos no sul da Califórnia havia matado quatro pessoas. E o incendiário mostrava-se cada vez mais ousado, parecendo zombar de quem o perseguia. Mas, quando John Orr assumiu a caçada, parecia que afinal o caso seria resolvido – porque ninguém conhecia incêndios criminosos tão bem quanto ele.

P O R J O S E P H W A M B A U G H



CHAMAS VORAZES

O expediente havia sido longo para Jim Obdam. O jovem vendedor trabalhara o dia todo na Ole's Home Center de South Pasadena, Califórnia. Pouco depois das 20 horas, ele se dirigiu para a frente da enorme loja de ferragens e materiais de construção e ficou desorientado ao ver uma coluna de fumaça escura subindo de uma prateleira.

Obdam correu pela loja, à procura de clientes. No departamento de tintas, encontrou uma vendedora. Avisou-a sobre a fumaça.

- Há mais alguém no seu setor? - perguntou.

- Vou verificar - respondeu ela, e saiu rapidamente em busca de possíveis retardatários.

Ninguém se assustou, vendo apenas a coluna de fumaça. Obdam achou duas pessoas examinando ferramentas e pediu que saíssem.

Em seguida encontrou uma mulher de meia-idade com uma criança pequena no carrinho. Ada Deal e o marido, Billy, haviam chegado à Ole's com o neto Matthew meia hora antes. Sabendo que a loja estava quase fechando, Ada e Billy haviam decidido se separar para ganhar tempo.

- Não se assuste - pediu Obdam a Ada. - Temos um incêndio na loja e precisamos sair.

Ele avançou pelo corredor, mas, quando olhou para trás e viu que a mulher não o seguia, voltou.

- Deixe o carrinho aqui - disse ele, agora com mais firmeza. - Pegue a criança e vamos embora!

Ele partiu para a frente da loja, com Ada Deal e o neto atrás. Então olhou na direção da coluna de fumaça.

Já não se tratava de uma nuvem - era uma muralha de chamas alaranjadas e enfurecidas. Obdam notou que a porta de aço nos fundos da loja, medida de segurança projetada para dividir o prédio e conter incêndios, havia caído. Quando se virou para ver a mulher e a criança, ouviu um estouro e as luzes se apagaram.

Na escuridão, tentou não entrar em pânico. Obdam sabia que existia uma saída de emergência nos fundos da loja. Arrastou-se para lá, engatinhando, tocando as paredes, tateando à procura de mercadorias, recorrendo a tudo que pudesse guiá-lo. Prendendo a respiração, abaixou-se o máximo que pôde no chão, desesperado pelo mesmo oxigênio por que ansiava o fogo.



Já estava prestes a desistir quando se deu conta de que se encontrava a alguns metros da saída. Num ímpeto de energia, correu dali, empurrando trancas, ativando alarmes.

E conseguiu sair. As chamas vorazes não conseguiram alcançá-lo, mas o calor abrasador, sim. Os braços, o pescoço e as orelhas ainda ardiam. Coberto de fuligem da cabeça aos pés, Obdam contornou a loja, ansioso para telefonar aos pais e dizer que estava bem. Quando tocou o pulso queimado, parte da carne caiu no chão.

PANORAMA GERAL

Billy Deal avistou Obdam correndo na frente da loja em direção aos outros empregados reunidos no estacionamento. Os vendedores gritaram, radiantes, ao vê-lo vivo. Billy pensou: *Bem, ele saiu. Talvez Ada e Matthew também tenham conseguido. Talvez.*

Usando um dispositivo de tempo – um cigarro com fósforos de papel presos por elástico –, o incendiário criava oportunidade para deixar o local antes que tudo se transformasse num grande inferno.

Billy correu até o capitão do Corpo de Bombeiros, que havia acabado de chegar com seus homens. Explicou que a mulher e o neto estavam presos, possivelmente a apenas três metros da entrada. O capitão William Eisele estava certo de que, se eles estivessem tão perto da entrada, conseguiria resgatá-los. Tranqüilizou Billy: “Não se preocupe, vamos cuidar disso.”

Entretanto, quando os homens entraram no prédio, viram um ofuscante inferno cor de laranja. Não havia corredores nem pessoas, nada além do fogo. Ouviu-se então um barulho terrível misturado ao bramido do fogo: os detectores de fumaça haviam disparado, um após o outro. Os bombeiros escutavam o guincho agudo dos aparelhos como gritos de animais morrendo queimados.

Quando John Orr foi dispensado do Corpo de Bombeiros de Los Angeles, **FOI PARA CASA E CHOROU.**

Onde estava o carro de bombeiros 41?, perguntava o capitão Eisele, gritando no rádio. E por que ele tinha ouvido um veículo ser enviado na direção errada? O que o capitão Eisele não sabia é que havia outro incêndio ali perto, no supermercado Von. Aquilo era inédito: dois incêndios tão próximos, em estabelecimentos comerciais, em horário de trabalho.

Aquela noite de 10 de outubro de 1984 foi mesmo estranha para os bombeiros do Vale de San Gabriel. Antes dos incêndios da Ole's e do Von, ocorrera outro em Pasadena, no supermercado Albertson, a cerca de dez quilômetros da Ole's.

O investigador de incêndios criminosos Scott McClure havia chegado ao Albertson às 18h45. Logo encontrou o foco do incêndio, na prateleira de sacos de batata frita. Às 19h45, McClure pediu que mandassem o investigador de incêndios John Orr, do Corpo de Bombeiros de Glendale. McClure o considerava um detetive completo no assunto.

John Orr chegou rápido. As pessoas o descreviam como um sujeito “normal”: não era alto, 1,75 metro, uns dez quilos acima do peso, a maior parte centrada na barriga. Usava bigode, os olhos azuis eram um pouco estreitos e quase sem cílios, e tinha cabelos castanhos lisos, começando a rarear.

Orr sabia da volatilidade das batatas fritas, que o óleo das batatas e o material do saco são altamente inflamáveis, tornando-os uma espécie de combustível sólido. Mais tarde ele concluiria que o incêndio do Albertson havia sido deliberado, como em geral é o caso de incêndios em estabelecimentos comerciais quando os clientes estão presentes.

Depois que McClure terminou as investigações e voltou para o carro, ouviu no rádio a notícia do desastre que se desenrolava a dez quilômetros dali, na Ole's Home Center. McClure correu para o local e, quando chegou, John Orr já estava lá, tirando fotografias com uma câmera de 35 milímetros. Enquanto os bombeiros aguardavam a chegada de reforços, e à medida que Jim Obdam era levado a uma ambulância e Billy Deal continuava na frente da Ole's Home Center – onde permaneceria durante as 22 horas seguintes –, John Orr registrava o desmoronamento do teto e o vulcão de centelhas e labaredas que explodiam no meio da noite.

O ASPIRANTE

Em 1971, recém-saído das Forças Armadas, John Orr candidatou-se ao Departamento de Polícia de Los Angeles, ao Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles, ao Corpo de Bombeiros da Cidade de Los Angeles e ao Corpo de Bombeiros do Condado de Los Angeles. O Departamento de Polícia enviou-lhe uma carta convocando-o para exames. Ele passou na prova escrita, no teste de agilidade física, na entrevista e no exame médico. Informaram-lhe o dia em que ingressaria na academia da polícia e ficou radiante. Só havia mais um obstáculo: o exame médico tinha ainda uma segunda parte – o teste psicológico.

A ficha psicológica de Orr mencionava problemas tanto conjugais quanto profissionais. Definia-o como “irresponsável e imaturo”, com uma “personalidade emocionalmente instável”. Algumas semanas mais tarde, Orr recebeu a carta de recusa do Departamento. Entretanto, a carta dizia apenas que ele era “inadequado”. Orr ficou arrasado, depois enfurecido. Ele teria sido um bom policial, pensou.

Em seguida, candidatou-se ao Corpo de Bombeiros de Los Angeles e foi aceito. Agora era bombeiro... quase. Ainda precisava passar pela academia. Tendo enfrentado incêndios nas Forças Armadas, Orr sentia-se preparado. A academia, porém, era mais rigorosa do que ele imaginara. O Corpo de Bombeiros de Los Angeles usava pesadas escadas de madeira

em vez das de alumínio, leves, com que se acostumara nas Forças Armadas. Nos dias de folga, vários outros recrutas haviam treinado para carregar a escada, mas Orr, não. Como resultado, não passou no teste físico e viu-se dispensado da instituição. Foi para casa e chorou. Mais tarde, descreveria a rejeição como “paralisante”.

No mês de janeiro de 1974, em desespero, candidatou-se ao Corpo de Bombeiros de Glendale, um dos últimos na escala salarial das 55 instituições do Condado de Los Angeles. Mas Orr se conformaria com prazer, se Glendale o aceitasse. E a instituição o aceitou. Agora ninguém poderia dizer que ele era inadequado. Orr era um bombeiro de verdade.

Nos dias de folga, trabalhava meio expediente como segurança de uma

Algumas pessoas se perguntaram se o incendiário não **ESTARIA ALMEJANDO ALVOS MAIORES.**

loja de departamentos. Nos primeiros meses, prendeu 30 pessoas, inclusive uma dupla de ladrões que eram marido e mulher, o que levou à recuperação de 30 mil dólares em mercadorias. Impressionado, o assistente administrativo do chefe de polícia, que também trabalhava na loja em seus dias de folga, ajudou o novo empregado a conseguir um porte de arma.

Agora Orr podia andar armado e começou a freqüentar os bares onde os policiais se reuniam, participando das conversas com incrível ousadia. No Corpo de Bombeiros e no Departamento de Polícia, logo ficou conhecido como “aspirante a tira”.

No fim da década de 70, uma série de incêndios criminosos ocorreu em Glendale. Correu o boato de que o Corpo de Bombeiros da cidade pretendia contratar um investigador em horário integral. Orr queria muito o cargo, e acabou conseguindo. O chefe dos bombeiros disse-lhe que a nova posição lhe conferia a autoridade de um policial, o que significava que Orr andaria armado. Agora ninguém poderia chamá-lo de aspirante.

No começo dos anos 80, Orr dirigia um carro de serviço e recebia todas as horas extras que desejava. Também havia iniciado uma carreira paralela de escritor, contribuindo com artigos para o *American Fire Journal*. No

geral, a vida estava boa – menos em uma área. Em 1983, seu terceiro casamento terminou. Autodenominado “excêntrico” e mulherengo notório, Orr tinha problemas em manter relações íntimas duradouras.

Mas o trabalho dava-lhe pouco tempo para se lamentar do último fracasso conjugal. A cidade de Glendale vinha sofrendo mais incêndios do que deveria, embora Orr alegasse que só parecesse assim por ele trabalhar com afinco na resolução dos casos. Estava construindo uma reputação sólida e logo começou a ministrar cursos de treinamento para outros investigadores.

Em outubro de 1984, Orr testemunhou o incêndio mais monumental de sua carreira: o fogo na Ole’s Home Center, que matou quatro pessoas – dois empregados, a cliente Ada Deal e seu neto Matthew. Orr não participou das investigações, conduzidas pelo sargento Jack Palmer, veterano com 25 anos de serviço, designado para a área de incêndios e explosivos do Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles.

O sargento Palmer concluiu que o incêndio provavelmente fora iniciado por um curto-circuito no sótão. Os advogados contratados pelas famílias das vítimas fecharam um acordo extrajudicial de 4 milhões de dólares. John Orr comentou no Corpo de Bombeiros de Glendale que estava decepcionado com o fato de o incêndio ter sido considerado acidental. Disse que, se os investigadores soubessem o que procurar, provavelmente teriam achado um dispositivo incendiário.

Quatro meses após o desastre na Ole’s de South Pasadena, a Ole’s Home Center de Pasadena escapou por pouco de um destino semelhante. Algumas pessoas se perguntaram se o incendiário não estaria almejando alvos maiores. Outra possibilidade só seria cogitada algum tempo depois: ao atacar a segunda loja Ole’s, talvez o criminoso estivesse mandando um recado aos investigadores – que eles haviam se enganado da primeira vez.

IDÉIAS ESTRANHAS

Em janeiro de 1987, a cidade de Fresno fervilhava com homens e mulheres que dedicavam a vida à prevenção e à extinção de incêndios. John Orr era um dos 242 investigadores, promotores públicos, policiais e bombeiros que haviam chegado de todo o estado. Estavam participando de um simpósio de três dias oferecido pela Associação Californiana de Investigadores de Incêndios.



Embora tenham obtido uma impressão digital na cena do crime, passaram-se anos até que a ligassem à identidade do incendiário.

A conferência poderia passar sem deixar muitas lembranças, se na véspera do início do evento, por volta das 20h30, um empregado da Payless Drug Store de Fresno não tivesse avistado fumaça subindo

de uma prateleira de sacos de dormir. Auxiliado pelos *sprinklers* do teto, o gerente da loja conteve o fogo com um extintor portátil.

Dois dias depois, na Hancock Fabrics, em frente à Payless, uma vendedora notou fumaça num dos cantos da loja. De repente, a nuvem de fumaça explodiu numa bola de fogo. Boquiaberta, ela observou a bola de fogo se dividir em labaredas que dançavam pelas paredes até chegar ao teto. Tudo aconteceu inacreditavelmente rápido.

A combustão foi tão intensa que o Corpo de Bombeiros não ousou entrar no prédio. Apesar da destruição da loja, foi um alívio saber que clientes e empregados escaparam ilesos.

Na House of Fabrics, a apenas uma quadra das outros dois estabelecimentos, um empregado viu fumaça se erguer de um cesto cheio de traves-

seiros. A parede já estava manchada pela fumaça, mas o fogo não chegara a se deflagrar.

No último dia do simpósio, na cidade de Tulare, uma hora ao sul de Fresno, houve um incêndio na Surplus City, seguido de outra tentativa na Family Bargain Center. Depois que uma cliente viu fumaça em um cesto, o gerente tirou os travesseiros dali e acabou com as chamas. No fundo do cesto, encontrou o dispositivo incendiário parcialmente queimado. Os investigadores chamaram-no de “assinatura”: um cigarro com três fósforos de papel presos com elástico. O dispositivo dava até 15 minutos para que o criminoso saísse do local antes de o cigarro aceso inflamar os fósforos, que por sua vez ateariam fogo ao material inflamável em volta deles.

Houve seis incêndios criminosos em estabelecimentos comerciais **DURANTE O SIMPÓSIO DOS BOMBEIROS.**

Um mecanismo parecido havia sido encontrado num incêndio ocorrido em Los Angeles, no fim da década de 70. A presença do dispositivo só era de conhecimento dos investigadores, que não haviam tornado o fato público, o que eliminava a possibilidade de um imitador.

Naquele dia, mais tarde, em Bakersfield, uma hora ao sul de Tulare em direção a Los Angeles, um empregado da CraftMart avistou uma coluna de fumaça subindo do mostruário de materiais usados em arranjos de flores secas. O gerente apagou o fogo com um extintor antes de os bombeiros chegarem.

Um investigador foi chamado, e o capitão Marvin Casey, do Corpo de Bombeiros de Bakersfield, apresentou-se de imediato. Com quase 20 anos de experiência, Casey havia investigado centenas de incêndios. O texano tinha cabelos grisalhos, olhos azuis e o rosto enrugado pelo vento do Vale de San Joaquin.

Casey vasculhou o cesto onde o fogo havia começado. Ali, achou um dispositivo composto por um único cigarro, três fósforos – dois de papel e um de madeira – e uma folha de caderno pautada amarela, queimada. Com cuidado, guardou os objetos em recipientes plásticos invioláveis.

Aquele estava fadado a ser um dia movimentado para Casey. Às 14 horas, na mesma tarde, outro incêndio irrompeu de um cesto contendo espuma de borracha em uma loja de tecidos de Bakersfield. Por sorte, bombeiros e funcionários conseguiram apagar o fogo.

No dia seguinte, Casey reuniu-se com investigadores de Fresno e ficou sabendo dos incêndios suspeitos ocorridos naquela cidade nos dias anteriores – por ironia do destino, durante o simpósio dos investigadores de incêndios. Todos os incêndios ocorreram em estabelecimentos comerciais, no horário de trabalho. Todos principiaram em pilhas de materiais altamente inflamáveis. E também havia o dispositivo que Casey encontrara.

Foi quando ele começou a ter idéias estranhas porém interessantes. Todos os incêndios ocorreram perto da Rodovia 99, como se o incendiário estivesse em Fresno, depois tivesse rumado para Tulare na manhã de sexta-feira para provocar dois incêndios e prosseguido para Bakersfield, onde atacou duas vezes. Depois disso, parecia ter sumido do Vale de San Joaquin.

Casey enviou as provas coletadas a um laboratório próximo, operado pelo Escritório Federal de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo (ATF), onde um analista de digitais conseguiu retirar uma impressão digital legível da folha de caderno amarela. A digital foi enviada a bancos de dados estaduais e federais, mas, quem quer que fosse o dono da digital, não tinha ficha criminal.

O passo seguinte de Marvin Casey foi obter a lista dos 242 nomes do simpósio de Fresno. Ele identificou, partindo de locais de trabalho, quem teria viajado para o sul depois do simpósio. A relação agora tinha 55 nomes. Embora Casey já pudesse adivinhar o tipo de reação que receberia, precisava pedir ajuda dos agentes federais para um assunto multijurisdicional como aquele. Como previra, o agente especial do ATF Chuck Galyan, do escritório de Fresno, mostrou-se mais do que cético.

“Não achei que a intuição de Marvin Casey valesse uma investigação completa dos registros de viagem e tudo mais”, recordaria Galyan mais tarde.

OUTRA DEFLAGRAÇÃO

E assim ficou o assunto até março de 1989, quando aconteceu um simpósio sobre incêndios criminosos na cidade de Pacific Grove, perto de

Monterey. Em 3 de março, dia anterior ao começo da conferência, as vendas corriam bem na Cornet Variety Store em Morro Bay, duas horas e meia ao sul de Pacific Grove. De repente, um empregado ouviu uma cliente gritar: “Fogo!”

O homem pegou o extintor de incêndio e saiu em disparada na direção dos gritos. Então viu as labaredas se erguendo de uma pilha de travesseiros de espuma arrumados em gôndolas num corredor. O fogo foi rapidamente apagado.

No dia seguinte, um segundo incêndio ocorreu em Salinas, 30 quilômetros a nordeste de Pacific Grove. Ao todo, seis incêndios foram provocados em estabelecimentos comerciais da Costa Central no período de rea-

Os ventos vindos do deserto tornavam aquele **O PERÍODO MAIS TEMIDO DO VERÃO: A ÉPOCA DOS INCÊNDIOS!**

lização do simpósio de Pacific Grove. Quando Marvin Casey soube disso, ficou atônito: aconteceu de novo!

Casey mais uma vez conseguiu o rol dos participantes e reduziu a lista de suspeitos para aqueles que vinham do sul da Califórnia e tinham participado de ambas as conferências. Só dez pessoas haviam estado em Fresno e Pacific Grove.

Os nomes da lista pertenciam a respeitados investigadores. Casey conhecia um deles, John Orr, do Corpo de Bombeiros de Glendale. Cerca de dois anos antes, Casey tivera aulas com John Orr para obter o certificado estadual.

De novo, Casey telefonou para o agente especial Chuck Galyan, do ATF. Dessa vez, Galyan concordou em mandar uma imagem que Casey havia conseguido da impressão digital, mais os dez nomes tirados da lista de ambas as conferências, a um laboratório do Departamento de Justiça, em Fresno.

Depois que as fichas de impressões digitais dos dez investigadores foram localizadas no banco de dados estadual de funcionários da segurança pública, um especialista do Departamento de Justiça as analisou. Seu rela-

tório afirmou que não havia correspondência entre a imagem de Casey e as impressões digitais dos dez homens em questão. Marvin Casey imaginou que provavelmente todo mundo riria do caipira de Bakersfield. Ele havia errado o alvo.

Enquanto isso, dois meses depois de voltar da conferência de Pacific Grove, John Orr era promovido a capitão do Corpo de Bombeiros.

MAR DE CHAMAS

Houve outro simpósio em Fresno no mês de junho de 1990, mas dessa vez John Orr decidiu que seu subordinado deveria ir. Orr ficaria em Glendale e cumpriria as obrigações de praxe. Na quarta-feira, 27 de junho, a temperatura passava de 37° C e os ventos de Santa Ana atingiam a bacia de Los Angeles vindos do deserto. Aquela era a estação mais temida: a época dos incêndios. Todo verão, havia fogo nos contrafortes de Glendale. Orr disse à imprensa que todos provavelmente eram ateados pela mesma pessoa. No entanto, a unidade responsável nunca tivera sorte em localizar o incendiário.

Orr não estava no escritório quando telefonaram para o Corpo de Bombeiros de Glendale, por volta das 15 horas, relatando um incêndio que se alastrava na área de College Hills. O primeiro alarme foi ativado.

Chegando ao local, o capitão Greg Jones, do carro 29, viu John Orr parado perto de sua caminhonete Blazer branca, próximo à área do foco do incêndio. Orr abordou o capitão Jones e perguntou se precisava de ajuda. Jones pediu que o investigador pegasse a mangueira e molhasse a casa vizinha a fim de impedir que o fogo se espalhasse. Jones começou a cuidar da casa com o telhado em chamas.

Alguns minutos depois, quando voltou à rua, Jones viu Orr arrastando uma lona do carro de bombeiros para a casa que Jones estava molhando. Era uma atitude no mínimo intrigante: proteger os móveis da casa não era prioridade quando o sótão estava pegando fogo e toda a vizinhança se encontrava ameaçada.

Mas John Orr simplesmente cobriu o sofá da sala com a lona enquanto as brasas continuavam caindo ao redor. Em seguida foi embora, sem molhar a casa vizinha. Jones depois comentaria que Orr estava agindo de maneira muito estranha.

Houve incêndios por toda parte em College Hills. A terra cobriu-se de



cinzas e fumaça, e o céu se encheu de helicópteros da polícia, dos bombeiros e da imprensa.

Mais tarde, John Orr descreveu a cena: “Os helicópteros baixavam para jogar água onde o incêndio era mais intenso, liberando em torno de 1.500 litros a cada descida e pareciam libélulas passeando em câmara lenta sobre um mar de chamas.”

Naquela mesma tarde, Moses Gomez, do Comando do Corpo de Bombeiros do Estado da Califórnia, telefonou para Glendale, ofereceu ajuda e se prontificou a comparecer ao posto de comando estabelecido na altura do número 1.100 da North Verdugo Road. Antes de chegar lá, Gomez viu uma Blazer branca estacionada na rua e reconheceu John Orr, que tirava o macacão atrás do carro. Gomez acenou, oferecendo ajuda, e Orr pediu que ele o acompanhasse. Apontando para um trecho próximo isolado por fitas amarelas, Orr disse a Gomez: “É a área de origem. Achei um dispositivo de ação retardada.”

Mostrou a Gomez o recipiente plástico no qual havia um isqueiro, e co-

Para John Orr (esquerda), só havia uma paixão capaz de eletrizá-lo de forma irresistível e recompensá-lo de forma doentia: o fogo.

mentou que a tampa estava quebrada, deixando escapar butano. Depois, Gomez ficou surpreso quando Orr contou tudo aos repórteres – o ponto de origem, o isqueiro de butano, tudo. São informações que os investigadores de incêndios criminosos jamais revelam, informações que apenas eles deveriam ter.

Orr acompanhou Gomez e um policial de Glendale quando os dois foram interrogar uma mulher que, antes de notar o incêndio, alegava ter visto um homem parado do outro lado da rua, na beira do mato. Ele tinha cerca de 1,70 metro, cabelos castanhos e bigode, e vestia calça cáqui. Ficou parado de costas e dirigia um carro branco ou bege, disse ela.

John Orr não abriu a boca durante o interrogatório. Aliás, não mostrou o menor interesse pelo que a mulher dizia. Mais tarde, Moses Gomez seria a segunda pessoa a afirmar que o comportamento do investigador de Glendale era estranho. Quando os incêndios de College Hills acabaram, mais de 60 casas estavam danificadas ou destruídas. Milagrosamente, não houve mortos nem feridos. Para o Corpo de Bombeiros de Glendale, o desastre trouxe uma boa novidade. Os cortes orçamentários que vinha enfrentando foram suspensos. O incendiário, caso existisse, havia fornecido bons argumentos para a equipe.

DÚVIDAS DISSIPADAS

De dezembro de 1990 a março de 1991, uma série inaudita de incêndios atingiu a área de Los Angeles. Foram 19 episódios, todos em estabelecimentos comerciais. Só no dia 27 de março, cinco incêndios ocorreram num período de duas horas e meia.

Um dos investigadores, Glen Lucero, do Corpo de Bombeiros de Los Angeles, lembrou-se de uma série parecida de incêndios no Vale de San Fernando, em dezembro do ano anterior – ateados, como aqueles, em pilhas de travesseiros ou roupas de cama. O Corpo de Bombeiros pediu ajuda ao ATF. Os agentes especiais Ken Croke e April Carroll juntaram-se a Lucero na investigação supervisionada pelo agente especial do ATF Michael Matassa.

Um panfleto foi distribuído para divulgar o *modus operandi* do piromaníaco e solicitar pistas. No Corpo de Bombeiros de Glendale, John Orr e seu parceiro receberam uma cópia.

Michael Matassa ficou sabendo que, depois de uma série de incêndios

no Vale Central, em 1989, Marvin Casey, do Corpo de Bombeiros de Bakersfield, havia elaborado a teoria de que um bombeiro talvez estivesse envolvido. Matassa também descobriu que Casey tinha uma boa impressão digital obtida em um dos incêndios.

A força-tarefa do ATF foi enviada a Bakersfield para se encontrar com o capitão Casey. Saíram da reunião com a fotografia da impressão digital. “Vamos tentar outra vez”, decidiu Michael Matassa. “Talvez ele tenha sido preso nos últimos dois anos por roubo de travesseiro ou o que quer que faça para se divertir.”

Matassa levou a foto da impressão digital para o laboratório do Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles. Lá, puseram-na num *scanner* que atribuía uma nota indicando o quanto o computador “gostava” da impressão em termos de correspondência com uma imagem existente em seus arquivos.

Dessa vez, a impressão digital passou pelo computador do Tribunal de Justiça de Los Angeles. Além das impressões digitais de criminosos e de todos os profissionais da lei do condado, o banco de dados continha impressões digitais de todas as pessoas que já haviam se candidatado a cargos no setor. Quando o computador leu as impressões de um candidato ao Departamento de Polícia de Los Angeles de 20 anos antes, “gostou” muito dele. Não havia dúvida: a impressão digital pertencia a John Orr.

DIÁRIO DE UM PSICOPATA

O capitão Marvin Casey desconfiou quando os três investigadores e o agente especial Chuck Galyan voltaram a seu escritório. “Duas visitas dos federais em um mês?”, perguntou. “A um caipira de Bakersfield?”

Só lhe disseram que a imagem se mostrara “promissora” e que tinham alguns suspeitos em mente. Queriam estabelecer a cadeia de evidências. Quando saíram, Lucero, Croke, Carroll e Galyan estavam satisfeitos com o fato de que ninguém de fora poderia ter mexido nas provas. Como a investigação era confidencial, porém, não queriam dizer a Casey que seu palpite fora perfeito. Ainda se passariam alguns meses até que ele soubesse de seu acerto.

Depois disso, a força-tarefa fez uma reunião confidencial com o chefe do batalhão de Glendale, Christopher Gray, superior imediato de John Orr. Os três investigadores informaram a Gray que precisariam do talão

de ocorrência e dos registros telefônicos do Corpo de Bombeiros. Durante a reunião, Gray mencionou que Orr estava escrevendo um livro sobre a investigação de incêndios criminosos. Disse que Orr havia lhe emprestado os dois primeiros capítulos, mas tudo de que se lembrava era uma infinidade de diálogos imorais. Nenhum dos membros da força-tarefa conseguia imaginar como os esforços literários de Orr poderiam ser úteis, mas agradeceram a Gray pela informação.

Ao longo dos diversos meses seguintes, os investigadores interrogaram testemunhas e revisaram os talões de ocorrência do Corpo de Bombeiros de Glendale. Os registros mostravam que o paradeiro de John Orr era desconhecido sempre que acontecia um dos incêndios.

Durante anos agentes duvidaram da teoria de Casey, **MAS AGORA ADMITIAM QUE ELE SEMPRE TEVE RAZÃO.**

Em setembro de 1991, decidiram que já acumulavam provas suficientes para prender Orr. Michael Matassa ligou para Marvin Casey, finalmente dando-lhe crédito pelo que havia feito. Durante anos os agentes do ATF tinham escarnecido da teoria do capitão do Corpo de Bombeiros de Bakersfield. Agora um deles telefonava para dizer que Casey tinha razão o tempo inteiro. De fato, mais tarde ficaria esclarecido que o especialista do Departamento de Justiça que havia examinado as dez impressões digitais após a conferência de Pacific Grove simplesmente errara, não conseguindo uma correspondência para a digital de Orr.

No começo de outubro, a força-tarefa se lembrou de algo que Gray havia lhes dito em abril: John Orr estava escrevendo uma história de ficção sobre incêndios criminosos. Talvez o livro fornecesse algumas respostas. Mas como ter acesso a ele?

A força-tarefa chamou um investigador aposentado do Corpo de Bombeiros de Los Angeles, A.J. Jackubowski, ele próprio escritor. Jackubowski telefonou para Orr e disse ter escutado que o colega vinha escrevendo um livro. Perguntou então se havia algo que pudesse fazer para ajudá-lo a publicar a história. Jackubowski sugeriu que trocassem e comparassem

textos. Orr enviou uma cópia do manuscrito. No dia seguinte, o texto era copiado na sede da força-tarefa, em Los Angeles. Logo ficava óbvio que John Orr havia descrito com minúcias os incêndios que a força-tarefa investigava. Em minutos, todos estavam em torno da máquina, pegando as cópias.

No capítulo seis, o vilão, Aaron, um bombeiro que se tornara incendiário, põe fogo numa loja de ferragens e materiais de construção de “uma pequena comunidade ao sul de Pasadena”. Um trecho arrepiante descreve como a avó “Madeline Paulson” era alcançada pelo fogo com o neto de 3 anos, “Matthew”: “Ela sentiu que estava soltando Matthew. As mercadorias do anexo explodiam em chamas. A última respiração dos dois se deu ao calor de 400° C, que lhes queimou a garganta.”

Quando o corpo de Madeline foi achado, ela estava deitada de costas, com Matthew agarrado aos seus tornozelos. O incêndio foi indevidamente chamado de acidental. Aaron ficou tão furioso, que provocou um incêndio idêntico em outra loja de ferragens. Queria que o crime fosse identificado.

Detestava não ser devidamente reconhecido.

PRISIONEIRO PERPÉTUO

No dia 4 de dezembro de 1991, quando John Orr saiu de casa, às 7h10, uma equipe composta por cerca de 15 agentes e investigadores do ATF, do Corpo de Bombeiros de Los Angeles e do Departamento do Xerife de Los Angeles o aguardava. Parcialmente escondidos nos arbustos próximos à casa, todos mantinham as armas erguidas.

Larry Cornelison, supervisor da divisão de incêndios criminosos do ATF de Los Angeles, aproximou-se de Orr e anunciou:

- John, você está preso.
- Por quê? - perguntou Orr.
- Incêndio criminoso.

Aturdido, Orr alegou inocência ao ser algemado e levado para interrogatório. Mas a revista do carro, do escritório e de uma bolsa de lona preta encontrou alguns objetos que o incriminavam: um maço de cigarros Camel, duas caixas de fósforos, elásticos, um bloco de papel pautado amarelo, vídeos e fotografias de incêndios.

Em 1992, Orr foi julgado em um tribunal por cinco incêndios: dois em

Fresno, um em Tulare e dois em Bakersfield. Foi condenado em três deles e sentenciado a 30 anos de prisão. Mas teria direito a liberdade condicional depois de cumprir apenas dez anos.

Orr enfrentou outro processo federal, por oito incêndios na Costa Central e outros na área de Los Angeles. A conselho do advogado, declarou-se culpado de três incêndios que não envolviam danos significativos e portanto não trariam nenhuma obrigação civil de indenização. Declarar-se culpado por esses três crimes não aumentaria a sentença. Assim, John Orr ainda poderia pedir liberdade condicional em 2002.

Mas o sistema judiciário criminal não havia terminado com ele. No dia 27 de junho de 1995, o promotor público Michael J. Cabral apresentou a um júri de Los Angeles uma indicição com 25 acusações, entre as quais quatro mortes provocadas pelo incêndio da Ole's Home Center em South Pasadena e 17 incêndios em College Hills. O julgamento ocorreu em 1998. Quando acabou, John Orr havia sido condenado em 24 das 25 acusações e considerado culpado por homicídio múltiplo. Foi condenado à prisão perpétua, sem direito a liberdade condicional.

Embora Orr tenha insistentemente alegado inocência, depois de sua prisão houve uma queda de 75% nos incêndios ao ar livre em Glendale e cercanias. E não houve mais incêndios suspeitos nos estabelecimentos comerciais de Los Angeles.

FAÇA O QUE EU DIGO

Pais e mães sempre acabam escutando as palavras que dizem repetidas para si mesmos. Certo dia, ao deixar minha filha com a babá, ela não parava de chorar e de reclamar que não queria ficar.

- Meu amor - disse eu tentando convencê-la -, a mamãe fica triste quando você chora porque ama muito você.

Recuperando na mesma hora a compostura, minha filha enxugou as lágrimas e inabalavelmente respondeu:

- Sinto muito, mamãe. Isso faz parte da vida e você vai ter de se acostumar, algum dia.



VALERIE DALE, Canadá